

DISLEXIA E OS DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

DYSLEXIA AND THE CHALLENGES IN LITERACY: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

LA DISLEXIA Y LOS DESAFÍOS DE LA ALFABETIZACIÓN: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA INTEGRADORA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-244>

Data de submissão: 22/11/2025

Data de publicação: 22/12/2025

Caroline Alvarenga de Assis Santana

Doutora em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais

E-mail: carolinesantana77@yahoo.com.br

Ana Clara da Silva Oliveira

Mestre em Educação

E-mail: ana.oliveira.clara@hotmail.com

Aline Míriam Cunha Alves

Pós graduada em Dificuldades e distúrbios de aprendizagem

RESUMO

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem de origem neurológica, que se apresenta na dificuldade de decodificar e soletrar palavras. É um dos transtornos de aprendizagem que afeta a escrita e a leitura e consequentemente interfere no processo de alfabetização. O objetivo deste estudo foi compreender como ocorre o processo de alfabetização da criança com dislexia. Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada por meio das bases eletrônicas de dados Capes, PubMed/Medline, Scielo e BVS, considerando os últimos 15 anos. Os descritores utilizados para busca foram: Dislexia, alfabetização inclusão, Intervenções, Tecnologia assistiva, estratégias educacionais e prática docente. Foram selecionados 16 artigos que abordavam sobre o processo de alfabetização de crianças disléxicas. Percebeu-se que a alfabetização de crianças disléxicas não depende somente do processo de alfabetização em si, mas também da própria criança, do professor, da metodologia, dos pais e, sobretudo, das interferências ambientais. A dislexia torna o processo de alfabetização ainda mais complexo sendo necessário rever as práticas pedagógicas para que possamos garantir uma educação mais inclusiva e de qualidade para todos.

Palavras-chave: Dislexia. Alfabetização. Aluno. Professor.

ABSTRACT

Dyslexia is a learning disorder of neurological origin, characterized by difficulty in decoding and spelling words. It is one of the learning disorders that affects writing and reading and consequently interferes with the literacy process. The objective of this study was to understand how the literacy process occurs in children with dyslexia. This is a literature review conducted using the electronic databases Capes, PubMed/Medline, Scielo, and BVS, considering the last 15 years. The descriptors used for the search were: Dyslexia, literacy, inclusion, interventions, assistive technology,

educational strategies, and teaching practice. Sixteen articles addressing the literacy process of dyslexic children were selected. It was observed that the literacy of dyslexic children depends not only on the literacy process itself, but also on the child, the teacher, the methodology, the parents, and, above all, environmental influences. Dyslexia makes the literacy process even more complex, requiring a review of pedagogical practices to ensure a more inclusive and high-quality education for all.

Keywords: Dyslexia. Literacy. Student. Teacher.

RESUMEN

La dislexia es un trastorno del aprendizaje de origen neurológico, caracterizado por la dificultad para decodificar y deletrear palabras. Es uno de los trastornos del aprendizaje que afecta la escritura y la lectura, interfiriendo así en el proceso de lectoescritura. El objetivo de este estudio fue comprender cómo se desarrolla el proceso de lectoescritura en niños con dislexia. Se realizó una revisión bibliográfica en las bases de datos electrónicas Capes, PubMed/Medline, Scielo y BVS, considerando los últimos 15 años. Los descriptores utilizados para la búsqueda fueron: dislexia, lectoescritura, inclusión, intervenciones, tecnología de asistencia, estrategias educativas y práctica docente. Se seleccionaron dieciséis artículos que abordaban el proceso de lectoescritura en niños disléxicos. Se observó que la lectoescritura en niños disléxicos depende no solo del proceso de lectoescritura en sí, sino también del niño, el docente, la metodología, los padres y, sobre todo, de las influencias ambientales. La dislexia complejiza aún más el proceso de lectoescritura, lo que requiere una revisión de las prácticas pedagógicas para garantizar una educación más inclusiva y de alta calidad para todos.

Palabras clave: Dislexia. Lectoescritura. Estudiante. Maestro.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o processo de alfabetização, ou seja, a aquisição da leitura e da escrita não é simples. Pelo contrário, é uma fase complexa que exige muito dos alunos e dos professores. Mas a complexidade desse processo acentua quando ocorre com crianças disléxicas, pois elas, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (2016), têm dificuldades na habilidade de decodificação e soletração.

A dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016).

Apesar de submetida à instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldades com diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar (MASSI, 2007, p. 44).

A CID, Classificação Internacional de Doenças, reconhece a dislexia sob o código F 81.0, como um transtorno específico de leitura, que reflete no aprendizado desde as etapas iniciais do desenvolvimento (CID-10, 1993). E o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV (DSM-IV), elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria, reconhece a dislexia, sob o código 315.00, como uma dificuldade de leitura e de escrita especificamente relacionada à infância e à adolescência.

Além disso, a dislexia é um distúrbio hereditário, portanto genético, no qual dificulta o aprendizado da leitura e escrita. Os disléxicos trocam letras e sons e muitas vezes têm dificuldade na compreensão de palavras e textos. Sendo assim muitos pais podem ter dislexia e mal sabem disso.

Lembrando que quando nos referimos à dislexia estamos falando em dificuldade e não em deficiência, o que Fonseca ressalta muito bem:

O conceito de dificuldade, não engloba qualquer perturbação global da inteligência ou da personalidade, potencial de aprendizagem íntegro e intacto, sendo as crianças intactas, portanto não deficientes. O prefixo “DIS” (dislexia, disgrafia, discalculia) envolve a noção de dificuldade à que pode estar ligada ou não a disfunção cerebral. Ao contrário, o conceito de incapacidade inclui problemas de gravidade variável, exprimindo uma desorganização funcional. (FONSECA, 1995, p.197).

Outro aspecto a ser lembrado é que “crianças com dislexia têm dificuldade na decomposição fonológica, mas a compreensão da fala é intacta e a leitura, quando presente, é lenta ou silabada (ALVES, 2014, p.17).

Boa parte dos sinais de dislexia aparecem durante a fase de alfabetização. Mas existem aqueles que começam antes da fase escolar como aponta a Associação Brasileira de Dislexia: dispersão; fraco desenvolvimento da atenção; atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem; dificuldade de aprender rimas e canções; fraco desenvolvimento da coordenação motora; dificuldade com quebra-cabeças; falta de

Já em fase escolar, mais propriamente na fase de alfabetização, a ABD (Associação Brasileira de Dislexia, 2016) destaca os seguintes sinais:

problemas em reconhecer ou escrever palavras; inversão de letras; dificuldade em distinguir certos sons entre vogais e consoantes; limitado conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); desatenção e dispersão; dificuldade em copiar de livros e da lousa; dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas) e/ou grossa (ginástica, dança). (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016)

Outros sinais também apontados pela Associação são: lentidão, desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences. Confusão para nomear entre esquerda e direita; dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas, etc. Vocabulário limitado, com dificuldades com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016)

Observados esses sinais ou boa parte deles, a ABD (Associação Brasileira de Dislexia) indica que para o diagnóstico a criança ou adolescente deve ser encaminhado para uma equipe multidisciplinar, com psicopedagogos, fonoaudiólogos e/ou neurologistas, que são os profissionais que farão o diagnóstico ou não da Dislexia. Quanto mais cedo o diagnóstico, melhor será o desempenho do indivíduo na vida escolar e social.

O diagnóstico é feito através de uma avaliação multidisciplinar com os profissionais citados anteriormente, o que segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2016), inclui consultas, processamento auditivo e audiometria, treinamento auditivo em cabine e exame neurológico.

Para Alves (2014) os profissionais responsáveis pelo diagnóstico não podem ignorar as observações dos pais e da escola. Relatórios dos professores devem ser solicitados e entrevistas com a família e pessoas muito próximas devem ser feitas. A história e a realidade da vida dessa criança devem ser consideradas.

Com o diagnóstico em mãos, escola e a família têm papéis importantes para o tratamento e desenvolvimento da criança disléxica, pois assim o disléxico tem o suporte necessário e mais segurança. É fundamental considerar as habilidades positivas da criança com dislexia, pois assim ela se sentirá capaz de realizar as atividades propostas. O tratamento é realizado dentro e fora da sala de aula.

O professor deve ter um olhar diferenciado quanto às especificidades do disléxico, propondo a criança trabalhar em atividades em grupo para que se sinta incluído na turma. Além disso, práticas diferenciadas e tecnologias assistivas devem ser utilizadas. O ritmo da criança com dislexia é diferente e cabe ao professor respeitar e se adequar a isso (ALVES, 2014). Contudo é necessário modificar a prática tornando-a mais inclusiva, interessante e motivadora.

Se o professor for alfabetizador, a atenção e os cuidados devem ser em dobro, principalmente em relação:

1. Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia (a-o, c-o, e-c, f-t, h-n, i-j, v-u, etc); 2. Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço (b-d, p-b, b-q, n-u, a-e); 3. Inversões parciais ou totais na composição de sílabas ou palavras (me-em; sol-dos; som-mos; sal-las; pal-pla); 4. Substituição de palavras por outras mais ou menos similares ou criação de palavras, porém com diferentes significados (soltou-salvou; era-ficava); 5. Adições ou omissões de sons, sílabas ou palavras (famoso-fama; casaco-casa); 6. Repetições de sílabas, palavras ou frases; 7. Pular uma linha, retroceder para a linha anterior e perder a linha ao ler; 8. Excessiva fixação do olho na linha; 9. Soletração defeituosa reconhece letras isoladamente, porém sem poder organizar a palavra como um todo, ou então lê a palavra sílaba por sílaba, ou ainda lê o texto palavra por palavra; 10. Problemas de compreensão; 11. Leitura em espelho, casos excepcionais; 12. Illegibilidade. (ALVES, 2014, p.13)

Além disso, o método de alfabetização que será utilizado com o aluno disléxico também é algo a se preocupar. Existem vários métodos, todos têm seus pros e contras, mas para disléxicos Muszkat e Rizzutti (2012) destacam:

[...] dois métodos de alfabetização são especialmente indicados para os indivíduos com dislexia: o Método Multissensorial e o Método Fônico. Enquanto o Método Multissensorial é o mais indicado para as crianças mais velhas, que já possuem um histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da Alfabetização (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 69).

Da mesma forma que não é fácil para a criança, também não é fácil para o professor. São inúmeras as preocupações do professor e é comum o professor não se sentir preparado, mas essa insegurança não pode prejudicar o aluno. Cabe ao professor cumprir seu papel e buscar o conhecimento. Para ajudar o docente, Alves (2014) traz 15 recomendações e estratégias:

1. Trate o educando com naturalidade e respeite sua dificuldade, ele é um aluno como qualquer outro, apenas possui dislexia;
2. Muitos disléxicos têm dificuldade para compreender uma linguagem simbólica (mais elaborada), sendo necessário o uso de uma linguagem objetiva, clara e direta. Usando frases, textos curtos e simples para passar instruções;
3. Forneça uma instrução por vez. Os disléxicos possuem dificuldade em guardar mais de uma ordem;
4. Prefira ficar olhando direto para o aluno, isto facilita e ajuda a comunicação;
5. Certifique-se que o educando entendeu suas explicações e sempre que necessário repita-o, muitas vezes eles falam que entenderam, mas pela sua expressão (fisionomia), percebemos que não houve um entendimento, sendo necessário repeti-lo quantas vezes for necessário, ou de maneiras diferentes;
6. Observar se o educando faz as anotações da lousa antes de que ela seja apagada, ajude ele a se organizar;
7. Estimule o educando naquilo em que ele tem maior facilidade. Procurando descobrir quais são suas outras habilidades, contribuindo para que ele se sinta mais confiante e capaz. Fortaleça sempre a sua autoestima, ele necessita muito disso;
8. Não coloque o aluno em evidência, pedindo para que ele leia em voz alta. Às vezes em separado é melhor;
9. O disléxico tende a lidar melhor com as partes do que com o todo, abordagens e métodos globais e dedutivos são de difícil compreensão. Apresente-lhe o conhecimento em partes de maneira indutiva;
- 9.1 - Ao realizar atividades/avaliações utilize letras com um tamanho razoável e com um espaçamento nítido;
- 9.2 O espaço da pergunta e da resposta devem ficar na mesma folha de prova limpa, sem rasuras, sem riscos ou sinais para que confundam o aluno;
10. Efetue um número maior de questões e de tamanho menor, isso é mais eficiente do que aplicação de questões muito longas;
11. Desenhos, figuras, esquemas, gráficos, fluxogramas, podem eventualmente substituir muitas palavras e levar aos mesmos objetivos;
12. Permita o uso das tabuadas, fórmulas, calculadoras, computador e outros recursos quando necessário;
13. Dê-lhe opção de fazer prova oral ou atividades avaliativas diversificadas. Utilize diferentes expressões e linguagens;
14. Leia as questões para ele, uma por vez certifique-se que ele entendeu o que está sendo pedido. Respeite o seu ritmo permitindo-lhe quando necessário, que a conclua na aula seguinte ou em outro lugar (Sala da orientação, biblioteca, sala de apoio);
15. Adapte os critérios de correção para a realidade do aluno disléxico, aquilo que você sabe que ele entendeu. Verifique oralmente o que ele quis dizer com o que escreveu. Pesquise a natureza dos erros cometidos: errou por que não entendeu o que leu? Errou por que não soube aplicar o conceito aprendido, pois entendeu o que leu? Aplicou o conceito, mas desenvolveu o raciocínio de forma errada? Enfim, em que errou e por que errou? (ALVES, 2014, p.17 e 18)

Diante dos inúmeros dilemas que o professor, a família e a criança disléxica encontram, principalmente durante a alfabetização, busca-se compreender como ocorre o processo de alfabetização da criança com dislexia.

A execução deste estudo justifica-se ainda na necessidade pessoal das docentes autoras deste estudo, que surgiu mediante um trabalho de intervenção realizado com uma criança com diagnóstico de dislexia, em que sua professora não sabia do diagnóstico, desconsiderando assim as dificuldades e limitações de seu aluno. A partir de intervenções como: análise do laudo médico, aluno práticas pedagógicas/tecnologias assistivas específicas para quem tem dislexia, foi possível compreender as

dificuldades relatadas pela criança e pela professora e dessa forma facilitar o processo de leitura e escrita no qual a criança tinha imensa dificuldade. A partir disso, percebeu-se a importância de analisar quais são os desafios na alfabetização de crianças com dislexia para subsidiar estratégias adequadas de intervenção. Portanto, os objetivos deste estudo foram identificar quais as práticas e tecnologias assistivas mais usadas na inclusão de crianças disléxicas na sala de aula e compreender a contribuição da família em relação ao processo de alfabetização e tratamento da dislexia.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica buscando compreender o processo de alfabetização da criança com dislexia, através de Artigos Científicos que atenderam a temática pretendida. Os artigos de interesse foram selecionados seguindo como critério de inclusão: trabalhos completos disponíveis on-line que foram publicados em revistas indexadas que atenderam ao tema proposto.

Foi realizada uma busca por artigos publicados nas bases de dados Scielo, Capes, BVS e Pubmed. Os descritores utilizados na busca dos artigos foram: "Dislexia, alfabetização, inclusão, Intervenções, Tecnologia assistiva, estratégias educacionais e prática docente". A data de publicação dos artigos foi limitada nos últimos 15 anos.

Foram usados como critérios de exclusão: artigos que se referiam à dislexia não relacionados ao processo de alfabetização, trabalhos relacionados à fonoaudiologia e ao aspecto patológico sem relação com a alfabetização.

3 RESULTADOS

Um denso levantamento de artigos foi feito nas bases Scielo, Capes, BVS e Pubmed. Mas para delimitar ao tema aqui proposto, foram usados como critérios de exclusão: artigos que se referiam à dislexia, mas que não eram relacionados ao processo de alfabetização, trabalhos relacionados à fonoaudiologia e ao aspecto patológico sem relação com a alfabetização. Após essa delimitação selecionamos 16 artigos que serão analisados na tabela a seguir:

Tabela 1

	Título	Autores	Ano	Método e sujeitos de pesquisa	Resultado	Conclusão
1	Caracterização do desempenho de crianças com Dislexia do desenvolvimento em tarefas de escrita	Andréa Carla Machado e Simone Aparecida Capellini	2011	Tarefas de escrita com Seis crianças de ambos os sexos, do 3º ao 7º ano escolar.	As crianças com dislexia do desenvolvimento apresentaram alterações em relação às atividades: Escrita de palavras isoladas e Escrita de palavras ditadas, posicionando-se aquém do esperado para escolaridade, apresentando trocas fonológicas e ortográficas.	É importante que crianças com queixas escolares façam uma avaliação mais específica referente a essas tarefas.
2	Desempenho de escolares com dislexia do desenvolvimento em tarefas Fonológicas e silábicas	Giseli Donadon Germano, Fábio Henrique Pinheiro, Simone Aparecida Capellini	2009	Instrumento de Avaliação Sequencial CONFIAS. Teste Mann-Whitney e Teste dos Postos Sinalizados-Wilcoxon .26 alunos de oito a 12 anos de idade, de 2ª. a 4ª. séries do Ensino Fundamental	Melhor desempenho do GII em relação ao GI quanto às tarefas fonêmicas e silábicas. O GI apresentou diferença estatisticamente significativa nas tarefas silábicas e fonêmicas, com melhor desempenho nas primeiras. Entre os escolares do GII não houve grande diferença estatística entre tarefas silábicas, apenas entre tarefas fonêmicas.	Escolares com dislexia do desenvolvimento apresentam dificuldades quanto à identificação de rima e produção de palavras com o som dado, apontando para um déficit em acessar os códigos e as representações fonológicas.
3	Alterações da linguagem escrita de escolares em fase de alfabetização: uma visão de professores	Gleide Viviani Maciel Almeida, Lorena de Cássia Kozlowski, Jair Mendes Marques	2017	Utilizou-se o teste de Fisher como instrumento estatístico. 21 professores que lecionam no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) nas escolas de Cajati/SP	Diferença na proporção do histórico de alterações de linguagem anterior à escolarização, sendo maior no ano escolar final. Da compreensão do contexto dos textos com facilidade, relacionada ao ano frequentado pelos alunos é maior entre os escolares dos anos iniciais e a proporção dos escolares que expressam as ideias por meio da escrita é significantemente maior (0,0389) entre os alunos do período da tarde.	O atraso na aquisição da linguagem pode prejudicar o processo de alfabetização que inclui a habilidade pragmática e a função expressiva.
4	Eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de	Cláudia da Silva e Simone Aparecida Capellini	2015	Programa de intervenção fonológica. E aplicação do Protocolo de	Na comparação da pré com a pós- testagem do desempenho dos escolares de GI e GII, houve diferença	O programa de intervenção fonológica foi eficaz para os escolares de risco

	risco para a dislexia			Avaliação das Habilidades Cognitivo-Liguísticas versão coletiva e individual. 40 escolares do 1º ano do ensino fundamental	estatística para os subtestes das habilidades de leitura, escrita, consciência fonológica, processamento auditivo e velocidade de processamento, indicando média de desempenho superior para GII na pós-testagem comparada a pré-testagem.	para a dislexia, pois, possibilitou o desenvolvimento da consciência fonológica por meio do trabalho interventivo, auxiliando na aquisição das habilidades necessárias para o aprendizado da leitura e da escrita.
5	Dislexia: Dificuldade de aprendizagem e o papel da escola na compreensão e atendimento do aluno com transtorno na linguagem oral e escrita	Alaíde Lopes da Silva	2015	Observação participante, diário de campo e entrevista com roteiro semiestruturado. Os sujeitos da pesquisa foram professores, pais e psicopedagoga e aluna disléxica.	Falta um atendimento com ações pedagógicas que contemplam na sua totalidade a aprendizagem do disléxico em sala de aula.	Os professores tem conhecimento da definição da dislexia e de suas implicações na aquisição da linguagem oral e escrita.
6	A importância do estímulo precoce em casos com risco para dislexia: um enfoque psicopedagógico	Déborah Alcântara Prósperi Caridá; e Mônica Hoehne Mendes	2012	Revisão bibliográfica	Acentua-se a necessidade do diagnóstico multidisciplinar em um cenário com suspeita de dislexia	A relevância da avaliação psicopedagógica, com vistas à elaboração de estratégias emocionais e cognitivas, para que o ambiente social e a vida escolar não sejam vistos como ameaça.
7	Leitura de estudantes com dislexia do desenvolvimento: impactos De uma intervenção com método fônico associado à estimulação de Funções executivas1	Giovanna Beatriz Kalva Medina e Sandra Regina Kirchner Guimarães	2019	Testes de leitura e funções executivas e sessão psicopedagógicas com Sete estudantes com dislexia com idade média de 10,7 anos	O GE apresentou desempenho maior que o GCD na leitura de palavras isoladas. Em compreensão leitora, os dois grupos de disléxicos progrediram em seu desempenho, porém não significativamente. A intervenção não afetou o desempenho das FE de flexibilidade cognitiva e memória de trabalho. O GE melhorou em fluência verbal ortográfica e	Participação dos disléxicos em uma intervenção focalizando o desenvolvimento da consciência fonêmica, da leitura e das funções executivas foi eficiente para promover seu desempenho em leitura, notadamente a leitura de palavras isoladas.

					controle inibitório. O desempenho dos GCI e GCL não tiveram mudança significativa em consciência fonêmica, leitura de palavras, compreensão de sentenças e textos, e na maioria das FE.	
8	Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia.	Isabelly Silva do Nascimento, Angélica Galindo Carneiro Rosal e Bianca Arruda Manchester de Queiroga	2018	Entrevista semiestruturada com professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.	A análise de conteúdo possibilitou a identificação de três categorias temáticas: 1. A formação dos professores não aborda a temática da dislexia; 2. Sentimentos e dificuldades do professor alfabetizador diante do desafio da alfabetização; 3. Convivendo com o desconhecimento sobre a dislexia: manejo escolar das possíveis crianças disléxicas.	A pesquisa revelou o desconhecimento dos professores alfabetizadores acerca do tema dislexia, apesar de terem formação superior e pós-graduação bem como participarem de formações oferecidas pela rede municipal de ensino.
9	Dislexia na escola: Identificação e Possibilidades de Intervenção.	Sônia das Dores Rodrigues e Sylvia Maria Ciasca.	2016	Revisão bibliográfica	O professor, na sua prática diária, é elemento essencial não só para a identificação dos fatores de risco da dislexia, mas também para o seu diagnóstico e intervenção.	Intervenção psicopedagógica adequada no contexto escolar é possível e viável, desde que haja estudo constante, formação continuada e, principalmente, envolvimento e perseverança por parte da escola.
10	Eficácia de um programa de intervenção fônica para crianças com dificuldades de leitura e escrita.	Elizabeth Maria de Almeida Andrade; Tatiana Pontrelli Mecca; Roselain e Pontes de Almeida; Elizeu Coutinho de Macedo.	2014	Intervenção fônica. A avaliação pré e pós- intervenção foi realizada com a Bateria de Avaliação de Leitura e Escrita (BALE). Crianças do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental.	Houve melhora significativa do GE em relação ao GC2 na BALE, e em consciência fonológica e nos estágios de intervenção, o GC1 apresentou ganhos significativos, enquanto que o GC2 permaneceu estável.	Embora o efeito da escolarização tenha sido maior para as crianças sem dificuldades, crianças com dificuldades de leitura e escrita se beneficiaram com o uso do método fônico.

11	Dislexia e disgrafia: Dificuldades na linguagem.	Elisabeth Caldeira; Dulce Maria Lázzaris de Oliveira Cumiotto .	2004	Revisão bibliográfica	<p>Os diversos fatores causadores dos distúrbios lingüísticos mais freqüentes em salas de aula e responsáveis pelas dificuldades no processo ensino-aprendizagem precisam ser acompanhados e corrigidos e, para tanto, algumas atividades foram propostas neste trabalho.</p>	Diversificar metodologias e estratégias, intercaladas a um acompanhamento profissional especializado, é, sem dúvida, o caminho mais seguro para o sucesso no decorrer da vida escolar de alunos portadores da dislexia e disgrafia.
12	Dislexia: atitudes de Inclusão	Maria Angélica Moreira Rocha; Maria Arminda S. Tutti Cabussú; Vitória Galvão Soares; Rita Lucena.	2009	Aplicação de questionários à equipe escolar, pais e alunos. 22 alunos, onze do sexo masculino e onze do sexo feminino, na faixa etária de 8 a 15 anos, incluindo os respectivos responsáveis e educadores das escolas envolvidas.	<p>Os alunos sentem-se excluídos, com baixa autoestima. Os pais mantêm bom relacionamento com os educadores, estão satisfeitos com o trabalho da escola, porém desconhecem as estratégias utilizadas para facilitar a aprendizagem do filho. Já os educadores, apontam como dificuldades, para realizar um bom trabalho, a falta de conhecimento sobre os transtornos de aprendizagem e a inexistência de projeto pedagógico que atenda à diversidade.</p>	A educação inclusiva é um projeto a ser construído por todos, família e população em geral, e só terá êxito quando as atitudes em relação à inclusão escolar forem positivas. Dentre as dificuldades para esse trabalho, estão a falta de conhecimento sobre as dificuldades e a inexistência de projeto pedagógico que atenda à diversidade.
13	Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura.	Vitor da Fonseca.	2009	Revisão Bibliográfica	<p>A dificuldade de aprendizagem da leitura é apresentada como uma disontogênese do processo contínuo do desenvolvimento da linguagem, abarcando a duplicação das funções da linguagem falada (1º sistema simbólico) na linguagem escrita (2º sistema simbólico).</p>	Uma abordagem cognitiva à aprendizagem da leitura e da escrita constitui, portanto, um novo desafio aos sistemas de educação e de formação.

14	Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico.	Sther Soares Lopes da Silva.	2009	Revisão bibliográfica	Descrever a dislexia e suas manifestações para o correto tratamento, minimizando, assim, os impactos emocionais e comportamentais para a criança.	Verificou a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto e, que os profissionais tanto da educação quanto da área da saúde entendam que o processo diagnóstico e intervenção são realizados por uma equipe interdisciplinar.
15	Desenvolvimento de ferramentas pedagógicas para identificação de escolares de risco para a dislexia.	Olga Valéria Campana dos Anjos Andrade; Paulo Sérgio Teixeira do Prado; Simone Aparecida Capellini	2011	Tarefas FAE (ferramentas alternativas do educador) com 45 escolares, de ambos os gêneros, com idade média de 7 anos e 4 meses.	O protocolo comprovou sua eficácia confirmando que a consciência fonológica, a memória de trabalho verbal e a nomeação rápida consistem nos principais fatores de risco para a dislexia.	É possível desenvolver atividades pedagógicas coletivas adaptadas à realidade da sala de aula que funcionem como ferramentas de identificação de escolares de risco para a dislexia.
16	Teste para Identificação de Sinais de Dislexia: processo de construção	Rauni Jandé Roama Alves; Ricardo Franco de Lima; Cintia Alves Salgado Azoni; Mariana Coelho Carvalho ; Sylvia Maria Ciasca.	2015	Teste para Identificação de Sinais de Dislexia com Crianças na faixa etária entre 8 e 11 anos.	O teste pode ser classificado como instrumento neuropsicológico breve, uma vez que fornece rastreio das habilidades cognitivo-lingüísticas mais comumente avaliadas em indivíduos com risco para esse transtorno específico de aprendizagem.	Estudos futuros são necessários a fim de que sejam verificadas evidências de validade e confiabilidade do instrumento.

Fonte: das autoras.

Ao realizar a revisão bibliográfica percebeu-se que metade dos estudos foram realizados com crianças e adolescentes de 6 a 15 anos como os sujeitos das pesquisas; apenas três artigos tiveram professores como sujeitos, sendo que em um desses o professor não era sujeito exclusivo, ele era sujeito juntamente com a criança e seus pais. Somente dois artigos apresentaram os pais de criança

disléxica como sujeito da pesquisa e seis artigos foram do tipo revisão bibliográfica. Portanto, verificou-se que faltam pesquisas sobre dislexia e a prática docente.

A revisão bibliográfica mostrou ainda que a alfabetização de crianças disléxicas não depende somente do processo de alfabetização em si, mas também da própria criança, do professor, da metodologia, dos pais e, sobretudo, das interferências ambientais. A alfabetização é mais complexa e vai depender de todos os envolvidos.

4 DISCUSSÃO:

Segundo Almeida; Kozlowski, e Marques (2015) pode-se considerar que no processo de alfabetização um atraso na aquisição da linguagem pode prejudicar o processo de alfabetização, que inclui a habilidade pragmática e a função expressiva Andrade, Mecca, Almeida e Macedo (2014) que observaram que crianças com dificuldades de leitura e escrita se beneficiaram com o uso do método fônico .

No estudo de Rocha, Cabussú, Soares e Lucena (2013) foi apontado que há falhas metodológicas na alfabetização de crianças com dislexia, como um projeto pedagógico que atenda à diversidade. Assim como, Caldeira e Cumiotto (2004) apontaram que necessário diversificar metodologias e estratégias, intercaladas a um acompanhamento profissional especializado Andrade, Prado e Capellini (2011) enfatizam a importância de desenvolver atividades pedagógicas coletivas adaptadas à realidade da sala de aula que funcionem como ferramentas de identificação de esc

Sobre os professores, os estudos de Nascimento, Rosal e Queiroga (2018) detectaram o desconhecimento dos professores alfabetizadores acerca do tema dislexia, apesar de terem formação superior e pós-graduação bem como participarem de formações oferecidas Silva (2015) apontou que os professores tem conhecimento da definição da dislexia e de suas implicações na aquisição da linguagem oral e escrita, mas falta um atendimento com ações pedagógicas que comtemplem na sua totalidade a aprendizagem do disléxico em sala de aula.

A respeito do diagnóstico de Dislexia, Caridá e Mendes (2012) destacam que “acentua--se a necessidade do diagnóstico multidisciplinar em um cenário com suspeita de dislexia” Para Rodrigues e Ciasca (2016) "o professor, na sua prática diária, é elemento essencial não só para a identificação dos fatores de risco da dislexia, mas também para o seu diagnóstico e intervenção. Mas Silva (2009) ressalta que é preciso que "os profissionais, tanto da educação quanto da área da saúde, entendam que o processo diagnóstico e intervenção é realizado por uma equipe interdisciplinar."

Para Machado e Capellini (2011) é importante que crianças com queixas escolares façam uma avaliação mais específica. Para Germano, Pinheiro, Capellini (2009) as crianças “presentam

dificuldades quanto à identificação de rima e produção de palavras com o som dado, apontando para um déficit em acessar os códigos e as representações fonológicas”.

Sobre os pais tivemos pouca perspectiva, pois somente o estudo de Rocha, Cabussú, Soares e Lucena (2009) apontou que eles “estão satisfeitos com o trabalho da escola, porém desconhecem as estratégias utilizadas para facilitar a aprendizagem do filho”.

Ao abordar dislexia, consequentemente falamos de intervenções e recursos. Nesse sentido, Silva e Capellini (2015) consideram que “o programa de intervenção fonológica foi eficaz para os escolares de risco para a dislexia, pois, possibilitou o desenvolvimento da consciência fonológica por meio do trabalho interventivo, auxiliando na aquisição das habilidades necessárias para o aprendizado da leitura e da escrita”

Medina e Guimarães (2019) destacam que “Intervenção focalizando o desenvolvimento da consciência fonêmica, da leitura e das funções executivas foi eficiente para promover seu desempenho em leitura, notadamente a leitura de palavras isoladas”.

Além disso, Rodrigues e Ciasca (2016) consideram que a intervenção psicopedagógica adequada no contexto escolar é possível e viável, desde que haja estudo constante, formação continuada e, principalmente, envolvimento e perseverança por parte da escola. Segundo Caridá e Mendes (2012), a avaliação psicopedagógica, para elaboração de estratégias emocionais e cognitivas, para que o ambiente social e a vida escolar não sejam vistos como ameaça também deve ser considerada.

Devemos frisar o que Fonseca (2009) diz: “Uma abordagem cognitiva à aprendizagem da leitura e da escrita constitui, portanto, um novo desafio aos sistemas de educação e de formação”.

Rocha, Cabussú e Lucena (2009) ressaltam que a educação inclusiva é um projeto a ser construído por todos, família, aluno, escola e população em geral, e só terá êxito quando as atitudes em relação à inclusão escolar forem positivas. Para isso Alves, Lima, Azoni, Carvalho e Ciasca (2015) apontam que mais pesquisas sobre o assunto são necessárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de conhecimento e de experiência com práticas eficazes em sala de aula no processo de alfabetização em crianças com dislexia é o maior desafio. Os profissionais sentem-se despreparados e sem apoio da escola para lidar com esses alunos.

Sugere-se que durante a formação de profissionais da educação esse assunto seja tema de maiores estudos e discussões, aprofundando no contexto dessas práticas, sejam elas fonológicas ou

metodológicas, para que se garanta uma melhor formação dos profissionais que possibilitam o desempenho escolar dessas crianças, em especial na fase de alfabetização.

Notou-se como é imprescindível a parceria entre escola e família no processo de alfabetização, pois através do apoio constante a criança se sentirá capaz e segura para superar suas dificuldades, evitando assim o sentimento de rejeição e o fracasso escolar.

A inclusão se dá de forma precária e desorganizada e por esta razão é necessário rever as práticas pedagógicas para que assim possamos garantir uma educação de qualidade para todos, pois cada indivíduo é único e deve ser respeitado em suas diferenças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Gleide Viviani Maciel; KOZLOWSKI, Lorena de Cássia; MARQUES, Jair Mendes. Alterações da linguagem escrita de escolares em fase de alfabetização na visão de professores. Rev. CEFAC. 17(2): p. 542-551, Mar-Abr, 2015.

ALVES, Cleto de Assis. Produção didático-pedagógica: A Dislexia no contexto escolar: subsídios e alternativas para o trabalho pedagógico com o aluno disléxico. Versão Online. Vol. II. Ponta Grossa: PDE Programa de Desenvolvimento Educacional ,2014.

ALVES, Rauni Jandé Roama; LIMA Ricardo Franco de; SALGADO-AZONI, Cintia Alves; CARVALHO, Mariana Coelho; CIASCA; Sylvia Maria. Teste para Identificação de Sinais de Dislexia: processo de construção. Rev. Estudos de Psicologia, Campinas I 32(3), p. 383- 393, julho-setembro, 2015.

ANDRADE, Elizabeth Maria de Almeida; MECCA, Tatiana Pontrelli; ALMEIDA Roselaine Pontes de; MACEDO, Elizeu Coutinho de. Eficácia de um programa de intervenção fônica para crianças com dificuldades de leitura e escrita. Rev. Psicopedagogia; 31(95): p. 119- 29, 2014.

ANDRADE, Olga Valéria Campana dos Anjos; PRADO, Paulo Sérgio Teixeira do; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desenvolvimento de ferramentas pedagógicas para identificação de escolares de risco para a dislexia. Rev. Psicopedagogia; 28(85): p. 14-28, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 09 de Setembro de 2019.

CALDEIRA, Elisabeth; CUMIOTTO, Dulce Maria Lázzaris de Oliveira. Dislexia e disgrafia: dificuldades na linguagem. Rev. Psicopedagogia; 21(65): p. 127-34, 2004.

CARIDÁ, Déborah Alcântara Prósperi; MENDES, Mônica Hoehne. A importância do estímulo precoce em casos com risco para dislexia: um enfoque psicopedagógico. Rev. Psicopedagogia, 29(89): p. 226-35, 2012.

CID 10 CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. (Coord.). Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DSM IV MANUAL DIAGÓTISCO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. American Psychiatric Association (Org.). 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

FONSECA, Vitor da. Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, Vitor da. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. Rev. Psicopedagogia; 26(81): p. 339-56, 2009.

GERMANO, Giseli Donadon; PINHEIRO, Fábio Henrique; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho de escolares com dislexia do desenvolvimento em tarefas Fonológicas e silábicas. Rev. CEFAC, p.213-220, Abr-Jun; 2009.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vídeo-articulatória. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, Barueri (SP), v. 18, n. 1, p. 69-78, jan.-abr. 2006.

MACHADO, Andréa Carla Machado; CAPELLINI, Simone Aparecida Capellini. Caracterização do desempenho de crianças com Dislexia do desenvolvimento em tarefas de escrita. Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Hum. p. 132-138, 2011.

MASSI, Giseli. A dislexia em questão. São Paulo: Plexus, 2007.

MEDINA, Giovanna Beatriz Kalva; GUIMARAES3 Sandra Regina Kirchner. Leitura de estudantes com dislexia do desenvolvimento: impactos de uma intervenção com método fônico associado à estimulação de Funções executivas. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.25, n.1, p.155-174, Jan.-Mar., 2019.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. O professor e a dislexia. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NASCIMENTO, Isabelli Silva do; ROSAL, Angélica Galindo Carneiro; QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester de. Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia. Rev. CEFAC, 20(1):p. 87-94. Jan-Fev; 2018.

ROCHA, Maria Angélica Moreira; CABUSSÚ Maria Arminda S. Tutt; SOARES, Vitória Galvão; LUCENA Rita. Dislexia: atitudes de inclusão. Rev. Psicopedagogia; 26(80):p. 242- 53, 2009.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. Rev. Psicopedagogia; 33(100): p. 86-97, 2016.

SILVA, Alaíde Lopes da. Dislexia: dificuldade de aprendizagem e o papel da escola na compreensão e atendimento do aluno com transtorno na linguagem oral e escrita. Revista Eventos Pedagógicos, Desigualdade e Diversidade étnico-racial na educação infantil, v. 6, n. 4 (17. ed.), número regular, p. 22-33, nov./dez. 2015.

SILVA, Cláudia; CAPELLINI, Simone Aparecida. Eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco para a dislexia. Rev. CEFAC, 17(6): p.1827- 1837, Nov-Dez; 2015.

SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. Rev. Psicopedagogia; 26(81): p. 470-5, 2009.